

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CERRO LARGO
LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS E ESPANHOL**

MARIA EDUARDA LIMA DE FREITAS

**UMA ANÁLISE DA ANGÚSTIA DE NAZIAZENO EM
OS RATOS, DE DYONÉLIO MACHADO**

**CERRO LARGO
2025**

MARIA EDUARDA LIMA DE FREITAS

**UMA ANÁLISE DA ANGÚSTIA DE NAZIAZENO EM
OS RATOS, DE DYONÉLIO MACHADO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Letras Português e Espanhol da
Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS),
como requisito para obtenção do título de
graduação.

Orientador: Prof. Dr. Pablo Lemos Berned

CERRO LARGO

2025

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Freitas, Maria Eduarda Lima de
Uma análise da angústia de Naziazeno em "Os Ratos",
de Dyonélio Machado. / Maria Eduarda Lima de Freitas. --
2025.
35 f.

Orientador: Doutor Pablo Lemos Berned

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Letras - Português e Espanhol, Cerro
Largo, RS, 2025.

1. Análise Literária. I. Berned, Pablo Lemos, orient.
II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

MARIA EDUARDA LIMA DE FREITAS

**UMA ANÁLISE DA ANGÚSTIA DE NAZIAZENO EM
OS RATOS, DE DYONÉLIO MACHADO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Letras - Português
e Espanhol da Universidade Federal da
Fronteira Sul (UFFS), como requisito para
obtenção do título de Licenciatura em Letras.

Este trabalho de conclusão foi defendido e aprovado pela banca em: 30/06/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Pablo Lemos Berned - UFFS
Orientador

Profª Mª Sabrina Ferraz Fraccari – Doutoranda UFSM
Avaliadora

Prof. Dr. Demétrio Alves Paz - UFFS
Avaliador

Dedico este trabalho, em primeiro lugar, à minha família, que esteve ao meu lado em todos os momentos desta trajetória. Dedico também ao meu orientador, professor Pablo, cuja orientação dedicada e inspiradora fez toda a diferença ao longo desta jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à minha mãe, Marlene, por seu apoio incondicional e por ser constante fonte de inspiração em minha vida. Ao meu pai, Lairson, sou profundamente grata pelo incentivo nas leituras que marcaram minha formação, especialmente pelos diálogos que me aproximaram de grandes autores de diversos gêneros, sendo uma experiência que ampliou meu olhar e contribuiu para minha trajetória acadêmica. Ao meu companheiro, Juliano, agradeço por estar ao meu lado com tanto carinho, paciência e apoio. Sua presença constante e seu incentivo nas minhas decisões foram fundamentais para que eu pudesse seguir em frente com confiança. Estendo também meu agradecimento às amigas que estiveram comigo ao longo desses cinco anos de faculdade. Cada conversa, cada risada e cada gesto de companheirismo foram essenciais para tornar essa caminhada mais leve e significativa.

Em casa eu mais lia que qualquer outra coisa. Tinha vontade de reprimir, com sensações exteriores, tudo aquilo que continuamente vinha se acumulando em mim. E a única possibilidade que eu tinha de sensações exteriores era a leitura. A leitura sem dúvida ajudava bastante: me perturbava, deleitava, torturava (DOSTOIÉVSKI, 2013, p. 72).

RESUMO

Este trabalho propõe uma análise do tempo narrativo como recurso central para a construção da angústia na obra *Os Ratos*, de Dyonélio Machado. Publicado em 1935, o romance acompanha um único dia da vida de Naziazeno Barbosa, um funcionário público em situação de miséria, cuja trajetória é marcada por fracassos e digressões mentais. A pesquisa busca compreender como a alternância entre o tempo cronológico e o tempo psicológico contribui para revelar a angústia e estado emocional do protagonista. A metodologia adotada é qualitativa, com base em leituras literárias orientadas por abordagens narrativas, histórico-sociais e existenciais. Para isso, são mobilizados autores como Humphrey (1976), Todorov (2008, 2011), Lukács (1965), Mendilow (1972), Eco (2009), Durão (2020) e Santiago (2000), cujas contribuições ajudam a investigar como o tempo subjetivo estrutura a narrativa e revela o colapso interno do personagem. A análise mostra que a narrativa de *Os Ratos* constrói-se a partir do fluxo de consciência de Naziazeno, por meio de fragmentações, hesitações, digressões e repetições, que rompem a linearidade do tempo. Além disso, um capítulo comparativo é dedicado à análise do tempo psicológico em *Memórias do Subsolo*, de Fiódor Dostoiévski, identificando aproximações e diferenças entre os dois protagonistas em relação à crise subjetiva e à fragmentação narrativa. Conclui-se que o tempo psicológico não apenas molda a estrutura do romance, mas também evidencia um sentimento de sufocamento e perda de controle, semelhante ao que muitas pessoas enfrentam em suas rotinas aceleradas e sobrecarregadas. A experiência de Naziazeno, assim, ressoa com a de indivíduos que, diante da falta de tempo para si, se veem presos a ciclos de frustração, ansiedade e exaustão — revelando que o romance, embora datado, permanece profundamente atual.

Palavras-chave: Tempo psicológico, Narrativa, Fluxo da Consciência, Literatura brasileira.

RESUMEN

Este trabajo propone un análisis del tiempo narrativo como recurso central para la construcción de la angustia en la obra *Os Ratos*, de Dyonélio Machado. Publicado en 1935, la novela acompaña un solo día de la vida de Naziazeno Barbosa, un funcionario público en situación de miseria, cuya trayectoria está marcada por fracasos y digresiones mentales. La investigación busca comprender cómo la alternancia entre el tiempo cronológico y el psicológico contribuye a revelar la angustia y estado emocional del protagonista. La metodología adoptada es cualitativa, basada en lecturas literarias orientadas por enfoques narrativos, histórico-sociales y existenciales. Para ello se movilizan autores como Humphrey (1976), Todorov (2008, 2011), Lukács (1965), Mendilow (1972), Eco (2009), Durão (2020) y Santiago (2000), cuyas contribuciones ayudan a investigar cómo el tiempo subjetivo estructura la narrativa y revela el colapso interno del personaje. El análisis muestra que la narrativa de *Los Ratones* se construye a partir del flujo de conciencia de Naziazeno, por medio de fragmentaciones, vacilaciones, digresiones y repeticiones, que rompen la linealidad del tiempo. Además, un capítulo comparativo está dedicado al análisis del tiempo psicológico en *Memórias do Subsolo*, de Fiódor Dostoiévski, identificando aproximaciones y diferencias entre los dos protagonistas en relación a la crisis subjetiva y a la fragmentación narrativa. Se concluye que el tiempo psicológico no solo da forma a la estructura del romance, sino que también evidencia un sentimiento de asfixia y pérdida de control, similar al que muchas personas enfrentan en sus rutinas aceleradas y sobrecargadas. La experiencia de Naziazeno, así, resuena con la de los individuos que, ante la falta de tiempo para sí mismos, se ven atrapados en ciclos de frustración, ansiedad y agotamiento - revelando que el romance, aunque anticuado, sigue siendo profundamente actual.

Palabras clave: tiempo psicológico, narrativa, flujo de la conciencia, literatura brasileña

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 A NARRATIVA EM OS RATOS.....	14
3 TEMPO NA NARRATIVA: ENTRE O CRONOLÓGICO E O PSICOLÓGICO	19
4 DIGRESSÕES NAS PASSAGENS DA OBRA	24
5 O TEMPO PSICOLÓGICO EM <i>MEMÓRIAS DO SUBSOLO</i>	29
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS.....	35

1 INTRODUÇÃO

Publicado em 1935, *Os Ratos*, de Dyonélio Machado, é um romance que revela aspectos sociais e que explora os conflitos internos do indivíduo em uma sociedade desigual. A obra narra um único dia na vida de Naziazeno Barbosa, um funcionário de baixa renda que enfrenta dificuldades financeiras e dilemas existenciais enquanto busca desesperadamente obter dinheiro para pagar uma dívida. Em meio a ruas, repartições públicas e reflexões angustiantes, o leitor acompanha o fluxo de pensamentos do protagonista, que alterna entre a realidade objetiva e um universo psicológico íntimo do protagonista do romance. Com linguagem direta e capítulos curtos, Dyonélio Machado explora temas como angústia, pobreza, solidão e a luta pela sobrevivência, construindo um romance que aprofunda em relação com introspecção psíquica.

Dyonélio Tubino Machado nasceu em Quaraí, no Rio Grande do Sul, em 1895, e teve uma trajetória marcada pela diversidade de atuações: médico psiquiatra (considerado precursor da psiquiatria no Brasil), jornalista, político e escritor. A formação médica influenciou profundamente a escrita, proporcionando um olhar agudo sobre o sofrimento psíquico de seus personagens. Como militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB), foi preso durante o governo de Getúlio Vargas, convivendo com outros intelectuais como Graciliano Ramos. Dentre suas principais obras, além de *Os Ratos*, destacam-se *O Louco do Cati* (1942), *Desolação* (1944) e a chamada “Trilogia da Libertação”, composta por *Deuses Econômicos* (1966), *Prodígios* (1980) e *Sol Subterrâneo* (1981). Faleceu em Porto Alegre em 1985, deixando um legado que, embora relevante, ainda carece de maior reconhecimento crítico.

O romance *Os Ratos* insere-se num contexto histórico de grandes transformações. O Brasil da década de 1930 vivia os reflexos da Revolução de 30 e da crise de 1929, marcados por instabilidade econômica, urbanização crescente e aumento das desigualdades. Esse cenário favoreceu o surgimento de obras que denunciavam as contradições do progresso e a marginalização das classes trabalhadoras. Naziazeno encarna a figura do sujeito oprimido pela burocracia estatal, pelas relações econômicas desiguais e pela invisibilidade social. Sua luta silenciosa

por dignidade reflete o drama do brasileiro urbano, imerso em uma sociedade cada vez mais indiferente.

A análise narrativa foi desenvolvida com base no texto *As categorias da narrativa literária*, de Tzvetan Todorov (2008), que foi utilizado como referencial teórico para compreensão e organização dos núcleos de ação e as rupturas estruturais ao longo da obra. Além disso, como complemento da pesquisa, foi utilizado o texto teórico de Lukács (1965), *Ensaio sobre literatura*, que contribui para a análise ao abordar as diferenças entre narrar e descrever. Para a análise do tempo na narrativa, foram consultados os textos de Mendilow (1972), com o ensaio *O tempo e o romance*, e de Humphrey (1976), com *O Fluxo da Consciência*. Para a análise crítica do projeto, foi utilizado como base Durão (2020) com o livro *Metodologia de pesquisa em literatura*, apresentando a construção de um projeto de pesquisa voltado aos estudos literários. Também foi utilizado Eco (2009), com a obra *Como se faz uma tese*, cuja proposta envolve a identificação de padrões e desvios dentro de um sistema. Sua abordagem contribui para observar o que se repete, o que se transforma e o que se mantém ao longo da estrutura do texto literário. Seguindo a análise, foi também referenciado Santiago (2000) com o ensaio *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*.

Diante desse panorama, este trabalho tem por objetivo principal analisar como a construção temporal da narrativa contribui para a intensificação do sentimento de angústia vivenciado por Naziazeno. Busca-se também observar as consequências desse estado emocional na trajetória do personagem. A análise será orientada por uma metodologia qualitativa, centrada na leitura literária.

Além disso, será desenvolvido um capítulo comparativo entre *Os Ratos* e *Memórias do Subsolo*, de Fiódor Dostoiévski, com foco na análise do tempo psicológico em ambas as obras. A proposta é estabelecer um diálogo entre os dois romances, destacando como a fragmentação do tempo, a introspecção psíquica e o fluxo da consciência são recursos essenciais para a construção da angústia dos protagonistas e para a crítica social subjacente a seus contextos.

A literatura, enquanto campo de investigação no espaço universitário, permite ampliar o olhar sobre a complexidade da linguagem, da subjetividade e das estruturas sociais. Por meio da leitura e análise literária, o estudante universitário adquire instrumentos teóricos e críticos que contribuem não apenas para a

formação acadêmica, mas também para a capacidade de interpretar o mundo em sua multiplicidade. A literatura, nesse sentido, funciona como ponte entre a estética e o pensamento, entre o texto e o contexto, sendo essencial para a formação humanística no ensino superior.

Além do âmbito acadêmico, a literatura exerce um papel vital na vida em geral ao proporcionar experiências empáticas, à medida que possibilita ao leitor colocar-se no lugar do outro, vivenciar dores, dilemas, alegrias e transformações humanas. Através da literatura, é possível acessar realidades distintas, questionar valores estabelecidos e elaborar afetivamente a existência. Como arte da palavra, ela contribui para o desenvolvimento da sensibilidade, do senso crítico e da imaginação, sendo, portanto, um instrumento de emancipação pessoal e social.

Dessa forma, este trabalho pretende contribuir para a compreensão da literatura de Dyonélio Machado a partir de uma análise do tempo narrativo em *Os Ratos*, destacando sua função expressiva na construção da angústia do protagonista. Através dessa leitura, será possível aprofundar a reflexão sobre a interioridade do personagem e a complexidade psíquica que o envolve dentro da obra.

2 A NARRATIVA EM OS RATOS

A angústia do personagem manifesta-se não apenas no conteúdo das situações vividas, mas também na própria estrutura narrativa. Os capítulos breves, em seu total 28, com informações e falas sequenciais e rápidas, criam a sensação de um tempo acelerado, em que os eventos se sucedem quase sem pausa. O tempo, ao se restringir a apenas um dia e ao ser atravessado por devaneios e hesitações do protagonista, intensifica a opressão e a urgência de sua condição.

Com enredo construído sobre pequenas ações fracassadas e repetidas, a narrativa acompanha a peregrinação de Naziazeno em busca de uma solução para seu problema financeiro. Contudo, a trama é guiada menos pela sucessão de fatos do que pelo fluxo de consciência do personagem, em que o tempo vivido (adicionado de hesitações, memórias e antecipações) assume papel central que reforça a sensação de opressão, anonimato e solidão, aspectos fundamentais para compreensão da angústia do protagonista.

A leitura de *Os Ratos*, de Dyonélio Machado, pede que se vá além da análise objetiva. Nesse sentido, como propõe Durão (2020), pensar numa “metodologia *em* literatura” — e não *para* a literatura — implica compreender que o romance não pode ser plenamente apreendido por métodos neutros e técnicos, pois opera num campo simbólico, existencial e sensível que escapa à racionalização. A angústia vivida por Naziazeno Barbosa, marcada por digressões, devaneios e sensações corporais, insere o leitor numa narrativa que tensiona os limites da lógica e da linearidade. A experiência temporal do protagonista não é uma sequência de eventos factuais, mas uma vivência subjetiva que demanda uma atenção à linguagem do sintoma, da dúvida, da memória e da angústia. Assim, analisar *Os Ratos* não é apenas aplicar uma metodologia sobre o texto, mas deixar-se afetar pelas zonas não contidas da literatura, aquelas que revelam o que há de mais íntimo e perturbador na psique de seus personagens.

A análise de *Os Ratos* baseia-se, ainda, nas orientações apresentadas por Umberto Eco (2009) em *Como se faz uma tese*, no qual o texto explica que todo trabalho crítico deve observar os padrões, as diferenças, os elementos que se repetem e aqueles que se transformam na construção de uma narrativa. Essa perspectiva se mostra produtiva diante do romance de Machado, cuja estrutura,

embora delimitada por um único dia, apresenta um movimento interno marcado por repetições simbólicas, como os trajetos circulares do protagonista, e por mudanças psíquicas sutis, que revelam sua degradação emocional. O padrão do fracasso, reiterado a cada tentativa frustrada de conseguir o dinheiro, contrasta com pequenas variações em sua percepção de si e do mundo, evidenciando um tempo interior dinâmico, ainda que aprisionado em um ciclo.

Em uma das passagens do romance, Naziazeno passa por uma situação de constrangimento com seu chefe:

- O senhor pensa que eu tenho alguma fábrica de dinheiro? (O diretor diz essas coisas a ele, mas olha para todos, como que a dar uma explicação a todos. Todas as caras sorriem.) Quando o seu filho esteve doente, eu o ajudei como pude. Não me peça mais nada. Não me encarregue de pagar as suas contas: já tenho as minhas, e é o que me basta... (Risos) (MACHADO, 2022, p. 46)

Essa passagem de *Os Ratos* evidencia a humilhação social vivida por Naziazeno, reforçando a dimensão de sua angústia existencial. Ao buscar ajuda financeira com o diretor, ele é exposto publicamente, tratado com descaso e zombaria. O trecho não apenas revela a recusa objetiva de ajuda, mas, sobretudo, o modo como essa negativa é performada diante de terceiros — "todas as caras sorriem" —, criando um cenário de escárnio coletivo. A fala do diretor, carregada de ironia e insensibilidade, transforma a dor íntima de Naziazeno em espetáculo, rompendo qualquer possibilidade de solidariedade humana. Este momento é importante para se entender como o personagem — permeado por medo e desespero — se intensifica diante da impossibilidade de agir e da constante reafirmação de sua inferioridade social.

Silviano Santiago (2000) propõe que uma leitura crítica eficaz deve estar atenta às articulações entre forma, conteúdo e contexto histórico-social, pois a fragmentação do texto revela aspectos significativos da experiência narrada. Em *Os Ratos*, essa fragmentação não ocorre apenas na estrutura formal da narrativa, mas sobretudo na consciência do protagonista, que se expressa por meio de pensamentos soltos, digressivos e muitas vezes interrompidos pela angústia ou pelo medo. Um exemplo encontra-se no capítulo 5, quando Naziazeno, imerso em suas reflexões, desvia sua atenção da realidade imediata:

Há mesmo uma espécie de concentração melancólica do olhar que lhes

dá um vago ar de velhice. O seu trabalho “rende”. Naziazeno os “vê” à tardinha, depois de chegarem à casa – essas casas novas, higiênicas, muito claras. A mulher é um ser delicado e lindo. Recosta-se no espaldar da cadeira onde “ele” está sentado. E um e outro sorriem para os filhos, corados e loiros nas suas roupinhas claras... Naziazeno vai andando (MACHADO, 2022, p. 35).

Esse momento evidencia a dissociação entre o corpo e a mente do personagem — ele se move fisicamente, mas sua atenção está inteiramente voltada para dentro de si, para um fluxo mental que o arrasta. Ainda, essa passagem revela uma digressão melancólica do protagonista Naziazeno, marcada pela projeção imaginária de uma vida idealizada e inatingível. Ao observar os outros homens voltando para casa e encontrando conforto, estabilidade e afeto em um ambiente doméstico seguro — representado pelas “casas novas, higiênicas” e pela imagem da “mulher delicada” e dos “filhos corados” —, Naziazeno experimenta um deslocamento subjetivo.

Ele não vive essa cena, mas a contempla como um espectador excluído, o que aprofunda sua sensação de inadequação e fracasso. O uso das aspas em “vê” sugere que essa visão não é totalmente real, mas moldada por sua imaginação e desejo frustrado. Trata-se de um momento em que o tempo psicológico toma o controle da narrativa, pois, enquanto o corpo de Naziazeno “vai andando”, sua mente se distancia da realidade e mergulha na dor de tudo o que não pode ter. Essa cena evidencia como o romance transforma a caminhada concreta em um percurso interior de frustração e solidão.

Tzvetan Todorov (2008) propõe uma abordagem analítica centrada nos núcleos narrativos e em suas transformações, permitindo identificar como as mudanças internas e externas ao personagem constroem o enredo. Essa perspectiva é particularmente produtiva na leitura de *Os Ratos*, em que os núcleos narrativos não se desenvolvem por grandes ações ou acontecimentos externos, mas pelas oscilações emocionais e pelos estados de espírito de Naziazeno. A transformação narrativa ocorre, sobretudo, no plano subjetivo: da esperança hesitante ao desespero silencioso, da racionalização ao medo paralisante. Cada deslocamento do personagem pela cidade corresponde a uma nova fase de sua angústia interna, revelando como o tempo da narrativa se organiza em função do impacto psíquico dos eventos — e não da sua objetividade.

Ao aplicar a proposta de Todorov sobre os núcleos narrativos e suas

transformações, observa-se que cada momento vivido por Naziazeno representa uma reconfiguração subjetiva do tempo e da angústia. Um exemplo disso ocorre ao meio da história, quando, mesmo diante da urgência de conseguir o dinheiro para saldar a dívida, o protagonista entra em um estado de introspecção: “Naziazeno vê-se no meio da sala, atônito, sozinho, olhando para os lados, para todos aqueles fugitivos, que se esgueiram, que se somem com pés de ratos...” (MACHADO, 2022, p. 43). Essa sensação de deslocamento espacial acompanha uma desestabilização interior — a narrativa deixa de ser uma sequência objetiva de ações para se tornar a exposição gradual de um colapso emocional.

Outro momento significativo ocorre quando, após uma conversa frustrada sobre o empréstimo, Naziazeno se vê dominado por um torpor físico e emocional que paralisa suas iniciativas:

Naziazeno vai fazendo outra vez o caminho da repartição. Ainda lhe soa aos ouvidos aquele seu próprio “Até logo”, breve e claro, “natural”, querendo simular coragem e confiança... A sua tristeza sempre rebate no estômago e no peito: sente dentro de si um oco dolorido, ao mesmo tempo que as feições se lhe repuxam... E pela segunda vez, nessa manhã, a impressão de solidão, do abandono... (MACHADO, 2022, p. 42–43)

A teoria de Tzvetan Todorov (2008) que propõe a análise da narrativa por meio de núcleos de tensão e suas transformações, permite compreender como *Os Ratos* se estrutura a partir de conflitos internos e não necessariamente de ações externas. No trecho em que Naziazeno retorna à repartição tentando manter uma aparência de “coragem e confiança”, vemos o colapso dessa tentativa diante de sua dor psíquica e física — expressa pelo “oco dolorido” no corpo e pela “impressão de solidão”. Aqui, o que se rompe não é uma situação objetiva, mas a frágil estabilidade emocional do protagonista. A transformação narrativa não se dá por fatos, mas pela intensificação da angústia interior.

Nesse sentido, o núcleo narrativo se desloca da concretude da ação para a subjetividade do sofrimento. O tempo psicológico sobrepõe-se ao tempo cronológico, pois o dia avança sem que haja progresso, apenas o acúmulo de tensões. O corpo do protagonista torna-se o lugar da narrativa, onde o tempo se manifesta como dor, desgaste e vazio. Assim, como aponta Todorov, o enredo constrói-se não em função de resoluções, mas por meio da repetição de estados de crise e da desintegração emocional do personagem. Em *Os Ratos*, Dyonélio Machado articula tempo e angústia como forças centrais de uma experiência

subjetiva marcada pela impotência, revelando uma narrativa onde o clímax se dissolve em fracassos cotidianos e silenciosos.

A descrição das interações sociais é feita por meio de falas cortantes, gestos simbólicos e humilhações públicas que evidenciam o isolamento de Naziazeno:

Talvez ele não compreenda “aquilo”. Talvez não saiba o que imaginar. São tão diferentes... Ele nunca briga com a mulher, nunca levanta a voz... Talvez não compreenda... Naziazeno se sente mais a gosto. Passa-lhe pela cabeça que vai assumir uma atitude de cínico e isto um pouco o perturba. Mas quando o rapaz o fita de novo (ele já o fez várias vezes com regularidade naqueles poucos momentos) ele se firma naquela ideia, diante do seu olhar sereno e vazio, e ergue um pouco a cabeça, embebe-a no ar fresco da manhã (MACHADO, 2022, p. 14).

Não apenas os fatos, mas a forma como são narrados — com pausas, hesitações e digressões — transformam a narrativa em uma imersão sensorial na angústia. Cada recusa de ajuda, cada devolutiva indiferente ou ríspida, intensifica o sentimento de exclusão e reforça a narrativa como espelho do mal-estar urbano.

Dessa forma, a narrativa em *Os Ratos* constrói-se como um fluxo de angústia: mais do que contar uma história, ela encarna a experiência emocional do personagem. A sucessão de episódios rotineiros é menos importante do que o efeito cumulativo de fracassos e a sensação de não pertencimento, que vai se avolumando até se tornar insuportável o peso de um único dia vivido. A narrativa de Dyonélio Machado, portanto, não apenas apresenta o drama de um homem endividado, mas transforma esse drama em uma vivência compartilhada com quem esteja lendo. O leitor não acompanha a história: ele a sente, ao lado de Naziazeno, devido à forma narrativa que funde tempo, corpo e mente em uma só experiência de leitura.

3 TEMPO NA NARRATIVA: ENTRE O CRONOLÓGICO E O PSICOLÓGICO

A representação do tempo em *Os Ratos* constitui um dos elementos mais significativos da narrativa realizada por Dyonélio Machado. Ao escolher ambientar o enredo em apenas um único dia, o autor cria um fluxo de acontecimentos que é continuamente tensionada pelas vivências subjetivas do protagonista. Trata-se de uma estratégia narrativa que desloca o foco dos eventos externos para a complexidade da consciência, revelando um tempo dilatado pela angústia, pela memória e pela introspecção. Essa dualidade entre o tempo externo (cronológico) e o tempo interno (psicológico) é fundamental para a construção da experiência angustiante do personagem Naziazeno Barbosa.

A narrativa aproxima-se, nesse sentido, da técnica do fluxo de consciência, tal como definida por Robert Humphrey (1976). Segundo o autor, trata-se de um tipo de narração que busca capturar os pensamentos mais íntimos dos personagens, muitas vezes ainda não articulados em linguagem, revelando seus estados mentais de maneira imediata e descontínua. Humphrey (1976) define:

Podemos definir a ficção do fluxo da consciência como um tipo de ficção em que a ênfase principal é posta na exploração dos níveis de consciência que antecedem a fala, com a finalidade de revelar, antes de mais nada, o estado psíquico dos personagens (HUMPHREY, 1976, p. 09).

Ao afirmar que a ficção do fluxo da consciência tem como ênfase principal a exploração dos níveis de consciência que antecedem a fala, Humphrey destaca uma característica essencial dessa técnica narrativa: o fato de que ela se volta à representação dos estados mentais mais profundos e imediatos dos personagens, antes mesmo que esses pensamentos sejam verbalizados ou organizados de forma lógica. Trata-se de uma forma de narrar em que o foco se desloca das ações externas para o mundo interno do indivíduo, revelando, por meio da linguagem, impressões, emoções e memórias em estado bruto.

Nesse processo, a voz do narrador muitas vezes se mistura ou se apaga diante da presença intensa da voz do próprio personagem, que se expressa de maneira fragmentada, instável e subjetiva. A técnica do fluxo da consciência, assim, rompe com a linearidade tradicional da narrativa e busca capturar o pensamento em seu momento mais espontâneo, antes de se tornar fala ou ação, revelando o

movimento psíquico contínuo que habita a interioridade humana.

Em outra passagem do livro:

Nazazieno mantém o pescoço duro... Qualquer relaxamento de músculos põe-no cara a cara com o outro... Está começando a sentir um calor no rosto... Os passos são mais sonoros... Alcides volta-se lentamente para trás, na direção deles... [...] ... E os passos agora cada vez ressoam menos... menos... extinguem-se... A onda de calor foge progressivamente do seu rosto. Nazazieno tem a impressão de haver mergulhado a face na água fria. Acha-se um pouco trêmulo (MACHADO, 2022, p. 37–38).

Aqui, a angústia não é racionalizada nem explicada: ela é vivida como sensação física e psicológica indistinta, que contamina a percepção do tempo e do espaço. A sequência de frases curtas, fragmentadas juntamente com as reticências, reforçam esse estado mental, caracterizando o fluxo de consciência como meio expressivo da desorganização interna do personagem.

À medida que Nazazieno tenta, sem sucesso, obter o dinheiro necessário para pagar sua dívida, as horas passam e os espaços mudam, mas a repetição de fracassos e a frustração crescente acentuam a sensação de circularidade temporal. Cada tentativa frustrada não apenas reforça o desespero, mas também mergulha o personagem em estados cada vez mais caóticos de pensamento. O tempo cronológico, mensurável por relógios e compromissos, é gradualmente substituído por um tempo vivido, regido por afetos, memórias e sintomas psíquicos.

Essa história agora lhe causou um mal-estar. Ele mesmo não vê bem a figura do cavaleiro, confundida com a dum burro em disparada. Sente uma amargura doída dentro de si, na altura do peito e do estômago, uma espécie de ânsia e de náusea. E outra vez a figura superior e inquietante do leiteiro... e as palavras da mulher, a metralharem tranquilamente os seus ouvidos: “— Porque tu não viste então o jeito dele quando te declarou: Lhe dou mais um dia!” (MACHADO, 2022, p. 19–20)

Essa transição entre o tempo objetivo e o tempo subjetivo torna-se evidente na passagem em que o mal-estar de Nazazieno o impede de discernir claramente as imagens ao seu redor: o tempo deixa de ser um encadeamento lógico de acontecimentos e transforma-se em sensação corporal e distorção perceptiva, onde o presente se dilui sob o peso da ansiedade e da antecipação. As palavras da mulher “Porque tu não viste então o jeito dele quando te declarou: Lhe dou mais um dia!” (MACHADO, 2022, p. 19 – 20) voltam imediatamente à memória do protagonista, invadindo o presente e distorcendo a percepção de Nazazieno. A recorrência da figura do leiteiro, associada à ameaça iminente, reforça esse tempo

angustiado, onde o passado se repete como um trauma e o futuro parece inescapável. A citação, portanto, exemplifica como o tempo psicológico domina a narrativa, dissolvendo a linearidade cronológica e dando lugar a uma experiência subjetiva marcada por sensações, memórias e dores internas.

Adam Abraham Mendilow (1972) explica que o tempo psicológico pode estar relacionado à imaginação, pois, é nesse tempo que temos a capacidade de sair da linearidade e revisitar antigas experiências, não estando dentro do tempo “real” ou cronológico.

É comumente contrastando ao tempo psicológico ou de percepção – a relação temporal entre objeto e sujeito. O tempo do relógio não tem significado algum para a imaginação, sendo uma convenção altamente artificial e arbitrária desenvolvida com fins de utilidade social para regular e coordenar ações que envolvam mais de uma pessoa. Pegamos um trem, deixamos o escritório ou jantamos pelo tempo do relógio; mas nossas experiências, pensamentos e emoções procedem numa ordem diferente e pessoal. Nosso senso da velocidade ou da duração da experiência pode ser colocado apenas em termos de valores a medido pelo nosso tempo pessoal, pelo tempo psicológico, embora, para fins de comparação, possamos projetá-lo contra os pontos fixos do tempo conceitual. (MENDILOW, 1972, p. 42)

Com base na fundamentação teórica de Adam Abraham Mendilow (1972), é possível compreender como *Os Ratos*, de Dyonélio Machado, opera inteiramente dentro da lógica do tempo psicológico — aquele tempo não regulado por relógio ou calendário, mas sim pelas experiências, emoções e lembranças do sujeito. A narrativa, embora situada em um único dia, não avança de forma cronológica contínua. O que domina o fluxo narrativo é a percepção subjetiva de Naziazeno, que alterna momentos presentes com reflexões, medos e recordações que rompem a sequência objetiva do tempo. Como afirma Mendilow, “o tempo do relógio não tem significado algum para a imaginação” (MENDILOW, 1972, p.42), e é exatamente isso que se verifica na obra: Naziazeno não age regido por horas, mas sim pela intensidade de sua angústia interna, o que torna o tempo um campo instável, emocionalmente moldado.

Essa dissociação entre tempo externo e tempo interno se evidencia em passagens como:

Nove horas! Já está arrependido daquela longa “folga”. Parece-lhe tarde agora. Daí que chegue à repartição, perde mais uns dez ou quinze minutos. O diretor pode ter saído, pode ter “ido falar com o secretário”. Apura o passo. À medida que se aproxima o “momento decisivo”, cresce o desejo de “resolver de um todo” aquele negócio. Já cansou bastante a

cabeça desde que saiu da cama. O dinheiro no bolso, desde agora, é o descanso, que ele bem merece, pra o resto do dia. Cinco, dez, quinze minutos mais e se acaba essa preocupação torturante. Ele tem experimentado muitas vezes essa mudança brusca de sensações: a volta à vida do filho, quando esperava a sua morte... (MACHADO, 2022, p. 28)

A duração da experiência, aqui, não tem relação com o tempo cronológico, mas com a percepção dilatada da aflição. A cada nova tentativa frustrada de conseguir dinheiro, Naziazeno revisita não apenas suas falhas do dia, mas episódios anteriores que reforçam seu sentimento de impotência. É esse movimento que Mendilow (1972) destaca: a imaginação permite ao personagem escapar da linearidade e mergulhar num fluxo descontínuo de memória e sensação. *Os Ratos*, nesse sentido, não apenas representa uma crise pessoal, mas encena o próprio colapso do tempo cronológico frente à força do tempo subjetivo.

Esse tempo da consciência, portanto, distorce a duração objetiva dos eventos, como se o dia de Naziazeno durasse muito mais do que as poucas horas em que se desenrola. Em momentos como os dos capítulos 6 e 7, o personagem é invadido por lembranças do passado ou projeções ansiosas do futuro, interrompendo o presente e criando uma temporalidade interna própria.

Esse estado de paralisação física acompanhado de perturbação interna exemplifica o que Lukács (1965) descreve como narrativa que apreende o movimento interno do homem em sua historicidade. Em seu ensaio *Narrar ou Descrever*, o teórico afirma que a narrativa autêntica é aquela que dá conta da transformação do sujeito ao longo do tempo histórico, enquanto a mera descrição tende a apresentar o mundo como estático e acabado.

A descrição torna presente todas as coisas. Contam-se, narram-se acontecimentos transcorridos; mas só se descreve aquilo que se vê, e a “presença” confere aos homens e às coisas também uma “presença” temporal. Tal presença, contudo, é uma presença equivocada, não é a presença imediata da ação, que é própria do drama. A grande narrativa moderna chegou ao ponto de tecer o elemento dramático na forma do romance precisamente em acontecimentos do passado. A presença ocasionada pela descrição do observador, ao contrário, é o próprio antípoda do elemento dramático. Descrevem-se situações estáticas, imóveis, descrevem-se estados de alma dos homens ou estado de fato das coisas. Descrevem-se estados de espíritos ou naturezas mortas (LUKÁCS, 1965, p. 65–66).

Pode ser compreendido através da citação que o foco da narrativa está menos nas ações e mais nas sensações e pensamentos do personagem. Ao invés de mostrar grandes acontecimentos, o romance moderno se concentra em

descrever estados de espírito, hesitações e sentimentos de angústia. Isso faz com que o tempo pareça parado ou muito lento, como se tudo estivesse suspenso dentro da mente do protagonista. A narrativa mostra, assim, o peso da experiência interna, destacando mais o que se sente do que o que realmente acontece.

Em *Os Ratos*, a transformação é sutil, mas profundamente significativa: o protagonista, ao longo do dia, não apenas enfrenta a dificuldade prática de conseguir dinheiro, mas lida com o crescente sentimento de fracasso, desespero e esvaziamento existencial. A sucessão dos episódios cotidianos é menos importante do que o modo como eles reverberam internamente no personagem. É nesse sentido que a narrativa de Dyonélio Machado se distancia do realismo tradicional e se aproxima de uma literatura de cunho psicológico e existencialista.

A forma como a narrativa lida com o tempo também contribui para o caráter opressivo do romance. A repetição de percursos, como descrito no capítulo 14, por exemplo, o fracasso dos encontros e a estagnação da ação geram um sentimento de aprisionamento. A estrutura do romance, com capítulos curtos e linguagem direta, reforça a fragmentação do tempo e da consciência. O tempo parece sempre recomençar, sem progresso real, como se Naziazeno estivesse preso em um ciclo de angústia sem saída. Esse tipo de tempo circular e repetitivo é essencial para a construção da angústia no romance.

Ao final, a dívida de vinte mil réis ganha proporções simbólicas, pois representa não apenas uma obrigação financeira, mas a impotência de um sujeito diante de um mundo indiferente e de uma estrutura social que o oprime. A passagem do tempo, longe de oferecer alívio ou resolução, torna-se agente de deterioração psíquica. A narrativa de *Os Ratos*, ao explorar a tensão entre o tempo cronológico e o psicológico, revela a profundidade da experiência humana diante da precariedade, do fracasso e da solidão. Por meio dessa construção temporal, Dyonélio Machado oferece uma poderosa crítica social e um mergulho singular na subjetividade angustiada de seu protagonista.

4 DIGRESSÕES NAS PASSAGENS DA OBRA

As digressões presentes em *Os Ratos*, de Dyonélio Machado, não apenas interrompem a linearidade da narrativa, mas revelam-se como um dos recursos mais eficazes para a construção da angústia e da interioridade do protagonista, Naziazeno. Essas pausas ou desvios no curso da ação não são aleatórias; ao contrário, estão carregadas de sentido, funcionando como janelas abertas para o abismo psicológico do personagem. Elas constituem a chave para compreendermos o tempo subjetivo da obra, que se sobrepõe ao tempo cronológico, transformando um único dia em uma experiência densa e esgotante de autoenfrentamento e fracasso existencial — algo que se torna perceptível por meio do monólogo interior do personagem Naziazeno.

O monólogo interior é, então, a técnica usada na ficção para representar o conteúdo e os processos psíquicos do personagem, para representar parcial ou inteiramente inarticulados, exatamente da maneira como esses processos existem em diversos níveis do controle consciente antes de serem formulados para fala deliberada. Deve-se observar, sobretudo, que se trata de uma técnica para representar o conteúdo e os processos psíquicos em diversos níveis de controle consciente; isto é, de representar a consciência (HUMPHREY, 1976, p. 22).

As frequentes divagações de Naziazeno, ou seja, os seus fluxos de pensamento e consciência, não apenas ilustram a sua instabilidade emocional, mas também constroem uma atmosfera sufocante e reiterativa que sustenta a sensação de aprisionamento mental. Essas digressões não têm função ornamental; ao contrário, elas tornam possível a representação da angústia em sua forma mais bruta e visceral. Em um dos momentos de hesitação, Naziazeno pensa, quando havia conseguido uma parte do dinheiro de sua dívida:

Agora, com aquele dinheiro na mão, está indeciso: não sabe se vai ao Restaurante dos Operários ou a algum frege do mercado. Porque àquela hora talvez já não encontre mais nada. Mas ele não gosta de mingau nem de empadinhas. O seu estômago o que está pedindo é um bife com batatas, com um pãozinho de casca quebradiça e cantante... E um bocado de vinho... E o repouso dum canto fresco e sombrio, quase sem ninguém... Mas encontra, encontra. A mão, mergulhada dentro do bolso da calça, ainda segura o dinheiro. É um papel sovado e liso, como se lhe tivessem passado talco. Seus dedos estão ficando suados. Abre então a mão, e retira-a aberta e com precaução, para que não haja perigo dela arrastá-lo para fora e o dinheiro cair, perder-se (MACHADO, 2022, p. 70).

A cena em que Naziazeno segura o dinheiro no bolso, refletindo sobre onde

comer, evidencia o mergulho na sua mente e em seus pensamentos mais íntimos. Em vez de uma ação direta ou objetiva, o que vemos é uma sequência de hesitações e desejos, expressos de forma desorganizada e sensorial. Ele não decide de imediato o que fazer — pensa no restaurante, depois no mercado, lembra-se de alimentos que gosta ou não gosta, imagina o sabor, o cheiro e até o ambiente em que gostaria de estar. A narrativa acompanha esse processo interno com bastante detalhes, revelando um estado emocional instável, entre a ansiedade da decisão e o desejo por conforto. O simples ato de segurar o dinheiro transforma-se num momento carregado de tensão e sensações: a textura do papel, o suor dos dedos, o medo de perder o pouco que conseguiu. Tudo isso revela que o centro da narrativa não está no que o personagem faz, mas no que ele sente e pensa enquanto decide, construindo assim uma percepção intensa de sua angústia cotidiana.

Esse momento também revela como o pensamento de Naziazeno está profundamente ligado ao seu corpo e às sensações físicas que experimenta. A fome, o suor nas mãos e o medo de perder o dinheiro demonstram como seus impulsos e emoções interferem diretamente na forma como percebe o mundo ao seu redor. A narrativa não se preocupa em mostrar apenas o que ele faz, mas em revelar como cada gesto é atravessado por dúvidas, desejos e medos.

A tensão entre o impulso imediato de saciar a fome e a precaução quase obsessiva em proteger o dinheiro mostra um personagem aprisionado em sua própria instabilidade. É como se o mundo externo perdesse importância diante do que se passa dentro dele. Assim, a hesitação que poderia durar apenas alguns segundos na realidade é expandida na narrativa, demonstrando como a mente de Naziazeno transforma qualquer escolha simples em um processo emocionalmente exaustivo.

No capítulo 15, o percurso de Naziazeno pela cidade deixa de ser apenas geográfico para tornar-se um verdadeiro deslocamento interior. A cidade também é um artefato que aumenta o sentimento da angústia do protagonista. O detalhamento das casas, as cores cinzas constroem esse sentimento de isolamento e solidão. Ao decidir retornar à grande rua comercial, ele não apenas refaz fisicamente seus passos, mas também revisita, mentalmente, suas angústias e esperanças. As descrições da cidade: “... As firmas, que ele vai lendo escritas nas paredes ou nas placas de metal, *soam* diferente, com outro prestígio... Souza, Azevedo & Co...

Souza... Azevedo... & Co... É de estarem as casas fechadas, eretas, mudas.” (MACHADO, 2022, p. 91, grifo no original) mesclam-se com as emoções do personagem, criando um cenário onde o espaço urbano parece espelhar seu estado de espírito. As vitrines, os transeuntes, os sons e até a luz do dia são filtrados por sua consciência ansiosa e exausta, fazendo com que a cidade, em vez de oferecer novas possibilidades, reafirme sua sensação de deslocamento e fracasso.

Ao voltar à rua comercial, o leitor percebe que não houve progresso real na jornada do personagem. Ele retorna ao mesmo lugar, mas com uma mente mais desgastada. A cidade é repetida, mas sua percepção está diferente — mais lenta, mais confusa. Essa repetição de caminhos, cruzamentos e vitrines não simboliza esperança, mas o aprisionamento em um ciclo de estagnação. O tempo psicológico domina o tempo cronológico, e a cidade, em vez de ser espaço de mobilidade, torna-se labirinto. Assim, o capítulo 15 se descreve como um dos exemplos na construção da angústia de Naziazeno, porque evidencia como o movimento exterior é apenas pano de fundo para a paralisia interior que o consome.

Outro papel fundamental das digressões é o de escancarar a dimensão social da angústia vivida por Naziazeno. As digressões revelam a miséria, a humilhação e a precariedade de um homem esmagado por um sistema indiferente. Em um trecho, o personagem pensa:

O leiteiro espera qualquer coisa? O leiteiro espera talvez uma desculpa... (“— Ele não aceita mais desculpas...”) que alguém se levante, vá parlamentar na porta da cozinha... A discussão recomeça... Ele talvez se despeça ali mesmo, com um desaforo, com uma ameaça... Prometa ainda fazer um escândalo maior... Lhe dê novo prazo, curto, premente, premente... — E um cansaço lhe vem pela antecipação dessas lutas futuras... (MACHADO, 2022, p. 155)

Essa passagem de *Os Ratos* evidencia a sobreposição entre o conflito íntimo do protagonista e a opressão de uma realidade implacável. A figura do leiteiro, aparentemente banal, ganha um peso simbólico: representa a cobrança constante, a dívida que nunca cessa, a vigilância externa que pressiona e ameaça a dignidade do sujeito. O trecho mostra que Naziazeno não apenas sofre pela falta material — de dinheiro, de comida, de estabilidade — mas também pela antecipação mental das humilhações futuras, o que revela uma interiorização do sistema opressor. Ele não reage com raiva ou resistência, mas com “cansaço”, o que indica uma exaustão crônica, típica das classes sociais subalternizadas que vivem em constante estado de defensiva e submissão.

Além disso, a construção narrativa sugere que a miséria é coletiva e cotidiana, refletida no medo do escândalo, na expectativa de desculpas, e na precariedade das relações interpessoais — marcadas por cobrança, vergonha e ameaça. Dyonélio Machado transforma o gesto cotidiano de "esperar o leiteiro" em uma situação singela, onde se condensam as forças sociais que submetem o indivíduo ao esgotamento físico e psíquico. A tensão vivida por Naziazeno reflete, assim, um panorama de desigualdade e exclusão, no qual o tempo psicológico do personagem se contamina com a urgência social — um tempo premente, repetido e sem alívio, marcado pela falta e pela impotência diante do mundo exterior.

Naziazeno perdeu a noção do tempo. Mas deve ser tarde: está lutando já há muitas horas. Levanta o olhar para o retângulo do céu, lá em cima no recorte daquelas paredes altas: a luz tem uma tonalidade pálida, de fim de dia. O dia continuou... o dia não parou... (É criança de novo. Dormiu a sua sesta, como a gente grande. Foi a primeira sesta consciente. Levantou-se no meio dum silêncio. Fazia uma claridade pálida, de crepúsculo, de madrugada. A casa aberta, vazia. Pensa que é de manhã cedo. Encontra o pai, sem casaco, indo e vindo pelo pátio. Sabe então que é o mesmo dia...) (MACHADO, 2022, p. 80)

Esse trecho de *Os Ratos* revela com intensidade o colapso da percepção temporal de Naziazeno, destacando o tempo psicológico em detrimento do tempo cronológico. A frase "Naziazeno perdeu a noção do tempo" já introduz essa ruptura com o tempo linear. A personagem, esgotada pelas tentativas fracassadas de conseguir dinheiro, mergulha em um estado alterado de consciência, no qual o presente se dilui e a memória invade sua percepção imediata.

As palavras em *itálico* enfatizam justamente esse mergulho interior. O uso do tempo verbal no passado ("foi", "dormiu", "levantou-se", "pensava que era") dá forma a uma memória infantil — sua "primeira sesta consciente" — que surge de maneira involuntária, como uma evocação sensorial ativada pela luz do fim do dia. O momento em que "pensa que é de manhã cedo" reforça a confusão temporal: o corpo reconhece a tarde, mas a mente o leva à lembrança de um outro tempo. A sequência culmina com "Sabe então que é o mesmo dia", consolidando a sensação de circularidade temporal, onde passado e presente se fundem, e o dia parece eterno — ou imóvel — no sofrimento subjetivo do personagem.

Em *Os Ratos*, não há grandes reviravoltas externas, mas há uma intensificação contínua da consciência do fracasso. O tempo cronológico, limitado a um único dia, é superado por um tempo narrativo dilatado pelas digressões, que

expõem a transformação subjetiva de Naziazeno: da esperança ao esgotamento, da vergonha à humilhação, do esforço ao colapso. Sendo assim, as digressões em *Os Ratos* funcionam como janelas para o mundo interior de Naziazeno, revelando não apenas suas lembranças e desejos, mas também os mecanismos de defesa que ele constrói diante da realidade. Esses desvios do foco narrativo principal não interrompem a trama, mas a expandem, dando forma à angústia silenciosa do personagem. Quando Naziazeno divaga sobre o passado, sobre refeições que não terá ou sobre situações que gostaria de evitar, a narrativa revela uma consciência fragmentada, marcada pelo adiamento e pela fuga. Cada digressão aprofunda o abismo entre o que ele vive e o que gostaria de viver — e é justamente nesse espaço de ruptura que a narrativa constrói sua densidade emocional.

5 O TEMPO PSICOLÓGICO EM MEMÓRIAS DO SUBSOLO

Em *Os Ratos*, a narrativa se desenvolve ao longo de um único dia. Contudo, essa cronologia objetiva é constantemente desarticulada por digressões mentais do protagonista, Naziazeno Barbosa, que se perde em reflexões, dúvidas, lembranças e sensações físicas. A urgência prática — conseguir dinheiro para saldar uma dívida — cede lugar à paralisia provocada pelo medo, pela vergonha e pela indecisão. O tempo vivido é, assim, subjetivamente dilatado, marcado não por ações externas, mas por uma intensa movimentação interna. Como ilustra um dos trechos do romance:

Naziazeno vai fazendo outra vez o caminho da repartição. Ainda lhe soa aos ouvidos aquele seu próprio “Até logo”, breve e claro, “natural”, querendo simular coragem e confiança... A sua tristeza tem sempre esse rebato no estômago e no peito: sente dentro de si um oco dolorido, ao mesmo tempo que as feições se lhe repuxam... E pela segunda vez, nessa manhã, a impressão da solidão, do abandono... (MACHADO, 2022, p. 42-43)

Aqui, o tempo da ação — a manhã de um dia comum — transforma-se em tempo emocional, subjetivo. A recorrência da angústia não se mede pelos minutos que passam, mas pela profundidade do sentimento que retorna. A estrutura narrativa, portanto, acompanha o tempo da mente e do corpo, e não o da cronologia do mundo externo. Nesse sentido, para aprofundar a compreensão desse tempo subjetivo e seus efeitos na construção da angústia, será estabelecida uma comparação com *Memórias do Subsolo*, de Fiódor Dostoiévski, cuja narrativa também se estrutura a partir da fragmentação e do conflito interior do protagonista.

Narrado em primeira pessoa, *Memórias do Subsolo* foi uma obra publicada por Fiódor Dostoiévski em 1864. O autor foi um escritor russo nascido em 1821, conhecido por uma obra marcada pela abordagem de questões existenciais, psicológicas e sociais. Entre seus principais títulos destacam-se *Crime e Castigo*, *Os Irmãos Karamázov* dentre outras. Sobre a análise da obra, *Memórias do Subsolo*, o livro apresenta as reflexões de um protagonista amargurado e introspectivo, conhecido apenas como “narrador do subsolo”. Em vez de se apoiar em grandes acontecimentos ou reviravoltas externas, o romance se estrutura a partir de um fluxo contínuo de pensamentos, contradições e ressentimentos. Nesse cenário, o tempo psicológico adquire papel central, pois é por meio dele que se

revelam as turbulências da mente do personagem, colocando o leitor em contato direto com a instabilidade e a fragmentação de sua consciência.

O narrador subterrâneo alterna entre um tempo de confissão presente e reminiscências distorcidas do passado. A narrativa não busca reconstruir uma sequência de eventos, mas registrar o fluxo fragmentado e tortuoso da consciência. Um dos trechos mais emblemáticos da primeira parte revela essa oscilação: “Eu sou um homem doente... e, no entanto, sei perfeitamente que não sou doente” (DOSTOIÉVSKI, 2013, p. 7). Essa contradição inicial anuncia a impossibilidade de estabilizar o tempo e a identidade. A mente do narrador se move em espiral, revivendo ressentimentos antigos, repisando feridas, ensaiando justificativas e confissões em um presente que parece não se mover. O tempo psicológico, nesse caso, é atravessado por sentimentos de culpa e autoflagelação, distorcendo a lógica temporal tradicional.

O tempo, nas duas obras, não é um cenário neutro, mas uma dimensão que molda e revela a constituição do eu. Em *Memórias do Subsolo*, o narrador vive aprisionado em suas lembranças e ressentimentos. Não há um futuro possível; o passado domina o presente com força total, e o tempo se transforma em um circuito fechado, onde tudo retorna como culpa, negação e autoacusação. É um personagem que em círculos, sem jamais sair do lugar.

Em *Os Ratos*, embora Naziazeno esteja inserido fisicamente no mundo — caminha, entra em prédios, conversa com colegas —, o tempo subjetivo também opera como prisão. Ele caminha, mas retorna sempre aos mesmos pontos, às mesmas sensações, aos mesmos impasses. O tempo externo se move, mas o tempo interno permanece paralisado. Esse “mesmo” que se repete indica o aprisionamento existencial do personagem, que vive um tempo de retorno, de repetição — como se a experiência do fracasso se reinscrevesse a cada tentativa de avanço. A narrativa, assim, traduz esteticamente o ciclo da impotência social e psicológica.

Tanto *Os Ratos* quanto *Memórias do Subsolo* são narrativas marcadas pela introspecção. Em ambas, o tempo é deformado, tornando-se extensão da consciência — fragmentada, confusa, sofrida. Entretanto, há uma diferença notável entre os protagonistas: enquanto o narrador do subsolo já se retirou completamente do mundo, Naziazeno ainda tenta manter alguma conexão com a realidade, mesmo que falhe em cada tentativa. Essa distinção também se reflete na estrutura das

narrativas: *Memórias do Subsolo* assume desde o início o tom de confissão, em que o protagonista se refugia num monólogo contínuo, sem intenção real de ação; já em *Os Ratos*, a narrativa acompanha o percurso de Naziazeno pelas ruas da cidade, revelando uma tentativa, ainda que desesperada, de intervir no curso da própria vida. O tempo psicológico em Dostoiévski tende à estagnação contemplativa, ao passo que em Dyonélio ele se confunde com o movimento, repetitivo e frustrado, de um corpo em ação.

A fragmentação do tempo em *Os Ratos* e *Memórias do Subsolo* não é apenas um recurso, mas expressão de um sujeito em crise — crise de identidade, de pertencimento e de ação. Em ambas as obras, os protagonistas são figuras deslocadas, que não se encaixam nas exigências do mundo social e racional moderno. A linearidade narrativa tradicional, ligada à ideia de progresso e de causalidade, é rompida como reflexo da ruptura psíquica desses indivíduos. Em Dyonélio Machado, essa crise aparece na forma de uma impotência prática. Naziazeno, embora deseje resolver a dívida, não consegue agir com eficácia. A mente se fragmenta em pensamentos contraditórios, lembranças inoportunas e reações corporais incontroláveis.

Já em Dostoiévski, a crise é existencial e filosófica. O narrador do subsolo rejeita as categorias racionais que sustentam a sociedade moderna (ciência, lógica, progresso), e por isso não pode mais narrar a vida segundo essas mesmas categorias. Mas essa condição tem uma espécie de efeito retroativo.

Podemos dizer que em Dostoiévski o homem supera sua “exterioridade” e se converte em “homem do homem” somente entrando no campo puro e inacabado da ideia, ou seja, somente após tornar-se desinteressado homem de ideia. Assim são todas as personagens principais, ou seja, os protagonistas do grande diálogo em Dostoiévski (BAKHTIN, 2010, p. 96).

Essa passagem explica que o tempo vivido pelo narrador do subsolo não é guiado por uma progressão cronológica ou externa, mas por um mergulho profundo no plano das ideias, da subjetividade e da contradição interna. O “narrador do subsolo” rejeita qualquer racionalidade linear ou expectativa de progresso, tanto pessoal quanto narrativo, e por isso rompe com o tempo lógico e sequencial que sustenta a narrativa tradicional. O que emerge é um tempo psíquico, instável e descontínuo, marcado por recuos, repetições, hesitações e ressentimentos. O tempo, nesse sentido, não é algo que flui para frente, mas que gira em torno da

consciência fragmentada e tortuosa do narrador, onde passado, presente e futuro se embaralham a serviço do conflito interior:

Quanto a isso, seria melhor até mesmo o seguinte: se eu mesmo acreditasse e, alguma coisa de tudo isso que eu escrevi. Juro a vocês, senhores, que não acredito em nenhuma, em nenhumazinha das palavras que eu agora teci! Quer dizer, talvez, acredite, mas ao mesmo tempo, não se sabe por quê, sinto e desconfio que eu esteja mentindo como um pescador. – Então por que é que escreveu tudo isso? -vocês me dirão. - Mas se eu os colocasse por uns quarenta anos sem qualquer ocupação, e então voltasse, depois de quarenta anos, no subsolo, para descobrir a que ponto chegaram? Será possível deixar um homem, sem fazer nada, por quarenta anos, sozinho? (DOSTOIÉVSKI, 2013, p. 60)

Esse estado de crise permanente, coloca a personagem num campo inacabado da ideia, como um espaço de questionamento constante, onde não há síntese ou superação definitiva. A experiência temporal, então, se converte em espelho do labirinto interior do narrador. A narrativa se fragmenta porque o sujeito também o está; e o tempo se torna psicológico porque não mede a realidade exterior, mas os embates internos entre desejo, culpa, negação e autoanálise.

Essa ruína da subjetividade é o que confere potência às duas obras: o tempo interior se desorganiza à medida que o eu se decompõe, e a forma do romance acompanha esse colapso. Assim, a fragmentação temporal é indissociável da representação de um mundo sem sentido ou coesão — um mundo em que o sujeito já não pode mais confiar na lógica do tempo para se construir ou se salvar.

Nessa lógica, o tempo já não atua como fio condutor da narrativa, mas como sintoma da desordem interna dos protagonistas. Ao invés de progresso ou linearidade, temos repetição, estagnação, desvios e hesitação — marcas de uma consciência que se debate em sua própria clausura. Tanto em *Os Ratos* quanto em *Memórias do Subsolo*, a deformação do tempo reflete a crise de identidade dos personagens, para os quais o passado é um peso, o presente é insuportável e o futuro, inexistente. O romance, então, abandona qualquer promessa de resolução, optando por retratar o colapso de um sujeito que já não encontra no tempo um eixo de continuidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *Os Ratos*, de Dyonélio Machado, destaca-se como um retrato denso e inquietante da angústia humana vivida no cotidiano. Concentrada em um único dia, a narrativa mergulha no universo psíquico do protagonista Naziazeno Barbosa, revelando um sujeito em constante conflito interno. A pressão da dívida, embora seja o elemento externo que move as ações, funciona sobretudo como um gatilho para desencadear sentimentos de fracasso, impotência e exclusão. O romance se desenvolve, assim, dentro do próprio Naziazeno — em suas inquietações, dúvidas, repetições mentais e sintomas físicos. Mais do que contar uma história, *Os Ratos* nos permite experimentar a duração subjetiva de um homem em crise, cuja existência se mostra dilacerada pela ansiedade, pela paralisia emocional e pela sensação de deslocamento em relação ao mundo.

Esse tempo subjetivo, que se sobrepõe ao tempo cronológico, é representado por meio das frequentes digressões, dos monólogos internos, das lembranças involuntárias e da sensação de estagnação vivida por Naziazeno. A angústia que permeia toda a narrativa não é apenas uma emoção passageira, mas a essência da experiência existencial do personagem, revelada principalmente pelo modo como o tempo é estruturado. A dívida a ser paga, embora funcione como um ponto de partida, logo se torna um pretexto para a imersão no desamparo humano, na impotência diante das exigências sociais e na crise de identidade de um sujeito esmagado pelo cotidiano.

As digressões — que frequentemente interrompem a linearidade da ação — servem como reveladoras do conflito interno. São nesses desvios que o leitor acessa os sentimentos mais íntimos de Naziazeno: o medo, a vergonha, a desesperança. O tempo externo, aquele do relógio, perde importância diante de uma vivência marcada por sintomas físicos (como a pontada no estômago), memórias dolorosas e uma expectativa que nunca se realiza. Assim, o tempo se dilata, desacelera e até se repete, contribuindo para a atmosfera de sufocamento que permeia todo o romance.

Além do aspecto psicológico, o tempo em *Os Ratos* também possui uma função crítica. Ele denuncia as condições precárias do funcionalismo público, a burocracia ineficaz e a indiferença social diante do sofrimento individual. O tempo

que Naziazeno vive é um tempo de opressão silenciosa — não apenas pela dívida, mas pelo lugar que ocupa na estrutura social. Ele anda em círculos, física e simbolicamente, sem conseguir romper o ciclo de miséria e humilhação. O tempo, assim, torna-se uma prisão, não um caminho rumo à libertação, mas um espelho da estagnação histórica, social e subjetiva do personagem.

É nesse sentido que a leitura do romance ganha força. A repetição dos espaços, a circularidade da narrativa e o fracasso iminente do protagonista são expressões de uma experiência humana comum: a de viver aprisionado entre o que se precisa fazer e o pouco tempo disponível para agir. Naziazeno representa aquele que, mesmo consciente da urgência, vê seus esforços se diluírem em hesitações, obstáculos e angústias. O tempo não é vivido como uma linha contínua, mas como um ciclo sufocante que ecoa o sentimento de impotência diante das exigências da vida.

Portanto, *Os Ratos* é uma narrativa que revela, com crueza, a angústia gerada pela pressão do tempo. Ao condensar todos os eventos em um único dia, o romance evidencia como as pequenas urgências da vida podem se tornar insuportáveis quando não há margem para falhas. Assim como acontece com Naziazeno, os indivíduos muitas vezes se veem presos em um ciclo de repetições, tentando resolver problemas enquanto o tempo corre contra eles. A obra demonstra, com sensibilidade, como o esgotamento emocional pode surgir justamente dessa corrida contra o relógio — e da sensação constante de que nunca há tempo suficiente para retomar o controle da própria vida.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural da narrativa; TODOROV, Tzvetan. As categorias da narrativa literária. In.: BARTHES et. al. **Análise estrutural da narrativa**. Tradução de Maria Zélia Barbosa Pinto. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Memórias do Subsolo**. Tradução: Lucas Simone. São Paulo: Hedra, 2013.

DURÃO, Fábio. **Metodologia de pesquisa em literatura**. São Paulo: Parábola, 2020.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 22 ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

HUMPRHREY, Roberto. **O fluxo da consciência**: um estudo sobre James Joyce, Virgínia Woolf, Dorothy Richardson, William Faulkner e outros. Tradução de Gert Mayer, revisão técnica de Afrânio Coutinho. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1976.

LUKÁCS, Georg. **Ensaio sobre literatura**. Tradução de Leandro Konder. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1965.

MACHADO, Dyonélio. **Os Ratos**. São Paulo: Todavia, 2022.

MENDILOW, Adam Abraham. **O tempo e o romance**. Trad. de Flávio Wolf. Porto Alegre: Globo, 1972.

SANTIAGO Silviano. **Uma literatura nos trópicos**: ensaios sobre dependência cultural. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.